

## **Prof<sup>a</sup> Lucilene Hotz Bronzato**

Colégio de Aplicação João XXIII – Juiz de Fora/MG

### **Título**

Campanha educativa: sim, o melhor é falar sobre o suicídio!

### **Resumo**

Este relato de experiência compartilha o desenvolvimento de uma campanha educativa, intitulada: sim, o melhor é falar sobre o suicídio, em uma escola pública de Juiz de Fora e cujos protagonistas foram alunos do 9º ano do ensino fundamental II. A partir de uma vontade e necessidade, expressas pelos próprios estudantes, de discutir o tema, o planejamento inicial de se trabalhar a argumentação a partir dessa temática ganhou novos contornos e desembocou em uma campanha de valorização da vida e de prevenção ao suicídio, por toda a escola, sendo já parcialmente replicada em outra escola pública de Muriaé. Embora todos os eixos de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa tenham sido trabalhados ao longo dessa sequência didática, o eixo mais focado foi o da oralidade. A criação de um contexto de fala pública formal desencadeou a necessidade de se ensinar e se aprender um conjunto de adequações atitudinais que incluiu a responsabilização pela fala, quando se tem temas delicados como o suicídio. Além disso, a ação protagonizada pelos estudantes foi capaz de mudar o clima da sala de aula, a pouca autoestima de muitos adolescentes, o baixo grau de confiança dos professores nesses alunos e, esperasse, a ideia de alguns jovens de tirarem a própria vida.

### **Planejamento**

Assim que o ano letivo de 2017 começou, fiz, como de costume, um levantamento de temas de interesse dos alunos para que nós pudéssemos ensinar e aprender a argumentação escrita e oral a partir deles. Já havia uma expectativa de minha parte de que os alunos fossem registrar nessa lista os mesmos temas de sempre: gravidez na adolescência, violência, aborto, dentre outros.

Ao proceder à tabulação dos temas desejados pelas três turmas (A, B e C) do 9º ano do Colégio de Aplicação João XXIII/2017, tive uma triste surpresa: grande parte dos estudantes pediam que eu abordasse dois assuntos recorrentes e, para mim, até então, impensáveis: depressão e suicídio.

Minha primeira reação foi de incredulidade; no entanto, ao comentar esse fato com outros professores, fiquei ciente de que aquela era uma demanda não só do 9º, mas também do 6º, 7º e 8º anos do ensino fundamental. Dessa forma, resolvi enfrentar essa tarefa tão delicada e tão cheia de perigos que é tratar do suicídio, sua relação com a depressão e com outros fatores.

Introduzi a argumentação por outros temas como os "sistemas de reputação" que hoje vigoram nas diferentes esferas da sociedade. Nessa oportunidade, os estudantes já perceberam que todos nós temos que lidar, diariamente, com cobranças de desempenho cada vez mais rigorosas e que isso tem levado a uma série de dificuldades emocionais.

Enquanto isso, fui estudando o tema suicídio. Li muitos artigos científicos, alguns dossiês disponibilizados na internet e todos traziam uma mesma proposição coincidente: sim, é preciso falar de suicídio, já que os países que colocaram esse tema em pauta, como o Japão, por exemplo, conseguiram baixar seus índices;

em contrapartida, as sociedades que ainda consideram o suicídio um tema tabu só veem as suas estatísticas aumentarem.

Assim, já devidamente informada sobre o assunto e preparada emocionalmente para tratar de tema tão delicado, busquei também fortalecer meus alunos para aguentarem emocionalmente as discussões. Confesso que não dimensionei com exatidão a carga emocional que as aulas, a partir daí, despertariam.

Objetivando o fortalecimento emocional dos estudantes do 9º ano, preparei uma dinâmica de grupo para se fazer na escola, intitulada "Sobra alegria em nossas vidas". Resumidamente, tal dinâmica se caracteriza por uma série de etapas de reflexão que parte de nossas reclamações diárias, de nossos diferentes motivos para ficarmos tristes, até chegar à pergunta que instiga as pessoas a buscarem motivos de alegria em suas vidas. A atividade final dessa dinâmica é a composição de um painel de *post it* no qual cada estudante coloca uma frase em que registra uma coisinha à toa que o deixa muito feliz.

A partir desse mural fixado dentro da sala de aula de cada uma das turmas de 9º ano e orientando meus alunos a olharem o mural todas as vezes em que a discussão sobre o assunto suicídio ficasse penosa demais, iniciamos a conversa sobre o tema.

### **Diagnóstico**

O Colégio de Aplicação João XXIII é campo de estágio da Universidade Federal de Juiz de Fora. Para o 1º ano da educação infantil, que começa aos 6 anos, há um sorteio (muito concorrido) de 70 vagas. Os alunos tendem a ficar no colégio até o término do ensino médio, mantendo-se na mesma turma na qual ingressaram. As poucas vagas restantes após o 1º ano do fundamental I também são disponibilizadas para a comunidade via sorteio.

Um pouco mais de 90% dos estudantes residem em Juiz de Fora, havendo alguns poucos que moram em cidades vizinhas como Matias Barbosa, Bicas ou Mar de Espanha. Embora o colégio esteja localizado em uma região central da cidade, apenas 3% dos alunos são do mesmo bairro, o que faz com que a maioria use algum tipo de transporte para chegar até a escola. A maioria dos alunos é de cor branca e tem renda de 3 a 10 salários mínimos.

Os alunos do 9º ano/2017 eram considerados "alunos difíceis" pelos professores do ano anterior. Desorganizados e barulhentos, com relatos de prática de bullying e atitudes antiéticas, como cópias recorrentes de tarefas escolares. Eu não os conhecia até então. Havia um tempo que estava trabalhando no ensino médio e, por isso, fiquei sem conhecê-los durante todo o fundamental. Assim que iniciei o ano letivo de 2017, fiquei bastante assustada com o grau de indisciplina das turmas. Fora isso, muito me constrangeu o pouco acolhimento que tive no 1º trimestre de aulas. Havia alunos que assistiam a todas as aulas de cara amarrada, evidenciando todo o seu aborrecimento com a minha presença. Outros faziam "caras e bocas", deixando clara a sua insatisfação. Foi um início muito difícil e desgastante. Recorri aos pais de alguns, chamei outros para conversas particulares.

Um momento especialmente complicado foi a primeira correção do ano dos diários de leitura. Constatei que pelo menos um terço das turmas havia copiado todo o diário de leitura da internet. Fiquei muito aborrecida e, ao mesmo tempo, apavorada. Sempre houve cópias de diário de leitura, mas não nessa proporção. Conversei bastante sobre ética, corrupção e dei a chance de alguns assumirem sua postura incorreta e se desculparem.

Estávamos lendo um romance africano intitulado *Os pescadores*, de Chigozie Obioma. Eles já sabiam que essa leitura fazia parte de um projeto que desenvolvo designado projeto didático, ancorado em uma leitura-gatilho e que, portanto, teríamos uma série de atividades sobre o romance após a leitura terminada. A questão era que, para desenvolver esse projeto, eu precisava do protagonismo dos discentes, porém eu não confiava neles.

Resolvi, por isso, fazer alguns pequenos eventos de fala pública para que eles aprendessem a se comportar, com educação e respeito, nessas molduras comunicativas. Assim, aproveitei o evento da feira literária para propor algumas atividades. A primeira delas foi uma mesa redonda, chamada "Jovens escritores". Convidei uma ex-aluna que acabara de escrever um livro, uma adolescente de outro colégio da cidade que publicava na plataforma virtual whatpadd e uma adolescente com paralisia cerebral que também era autora. Criei uma comissão organizadora desse evento só com os alunos do 9º ano e distribuí as tarefas: convidar os escritores, cuidar do evento como um todo, receber os convidados, ser mestre de cerimônias, organizar as falas e perguntas da plateia, entre outras. 90% dos discentes aproveitaram essa conversa e se enquadraram adequadamente nessa moldura mais formal. Outro evento foi promovido após uma oficina de haikai, ministrada também na feira literária: propus a compilação dos haicais produzidos em um livreto para o qual haveria um lançamento com leituras públicas e performances artísticas. Nesse evento, 100% dos alunos respeitaram os colegas que cantaram, tocaram instrumentos e fizeram leituras. Vi que as avaliações dos comportamentos (in)adequados após os eventos, o protagonismo e a autoria dos discentes, favoreciam um ambiente mais respeitoso na sala de aula. Só assim, com a confiança de ambos os lados conquistada, tive coragem suficiente para organizar com eles a campanha de valorização da vida e de prevenção ao suicídio.

### **Desenvolvimento**

Comecei a abordagem do tema suicídio pedindo aos alunos que inventassem um personagem que estava considerando a hipótese de suicídio. Pedi que eles o desenhassem em uma folha de papel ofício e, ao fazê-lo, fosse perguntando ao mesmo seu nome, sua idade e por que ele estava pensando em tirar a própria vida. Após os desenhos dos personagens fictícios ficarem prontos, cada aluno se dirigiu à frente da turma e fez uma exposição oral de apresentação de seu personagem.

"Esse é o Franz. Ele tem 11 anos e está pensando em se matar porque seu pai..."

Nesse primeiro momento da discussão, muitas reações imprevistas começaram a surgir. A primeira coisa que percebi dessas exposições orais foi que os alunos, mesmo simulando uma situação - o personagem era inventado - estavam extremamente emocionados e alguns choraram muito. A segunda constatação dolorosa foi a de que os personagens inventados, na verdade, não eram fictícios, pois se tratavam de algum familiar ou conhecido. A terceira constatação mais contundente, todavia, foi perceber e concluir que muitos desses personagens representavam os próprios alunos. Como os relatos eram chocantes e devastadores e a percepção evidente era a de que alguns falavam de si, o baque emocional tanto dos alunos quanto meu foi imenso.

Ao conversarmos sobre as exposições orais chegamos a conclusões espantosas, além de constatarmos que precisávamos de mais informações sobre o assunto. Por isso distribuí para todos uma reportagem publicada na Revista Superinteressante, intitulada "Sim. O melhor é falar sobre o suicídio." (julho/2017) Essa matéria jornalística é bastante completa, reunindo quase tudo que eu já havia lido em diferentes

dossiês sobre o tema, com a vantagem de ter uma linguagem de fácil entendimento, além de um design atraente para adolescentes.

Com a leitura atenta e mediada dessa reportagem, foi possível conhecer alguns aspectos do tema suicídio sobre os quais não fazíamos ideia. Tal reportagem enfatiza, com muita propriedade, a matemática do tema, iniciando-se com a seguinte proposição: "Até você terminar de ler este parágrafo, uma pessoa vai ter se suicidado no mundo. Todos os dias, 32 brasileiros tiram a própria vida. Quase 1 milhão de pessoas se matam por ano, uma a cada 40 segundos - são mais vítimas que todas as guerras, homicídios e conflitos civis somados. E, para cada morte por suicídio, existem outras 10 ou 20 pessoas que já tentaram fazer o mesmo."

Evidentemente que os adolescentes ficaram impressionados com essas revelações, já que não tinham a dimensão real do problema. Outra constatação que pôde ser feita foi a de que na prevenção ao suicídio, a atitude mais recomendada é falar sobre o tema. Isso referendou a necessidade de campanhas como a do "setembro amarelo".

A partir da tomada de consciência da dimensão do problema e da necessidade de se abordar o tema suicídio, os estudantes propuseram que fizéssemos uma campanha educativa pela escola, onde já havia relatos de tentativas de suicídio, de alunas que estavam se cortando e escrevendo com seu próprio sangue em cadernos e em portas de banheiro, de adolescentes que frequentavam com assiduidade sites virtuais que ensinavam como uma pessoa poderia tirar a própria vida. Não bastasse isso, esses mesmos adolescentes estavam vivendo o auge do jogo "baleia azul".

Iniciamos, portanto, um estudo de estratégias de marketing para abrangermos o maior número possível de jovens, para sermos elucidativos, todavia delicados e cuidadosos e para alcançarmos o objetivo principal da campanha: uma valorização da vida que levasse suicidas potenciais a desistirem de se matar, ao convencermos estes de que eles não estavam sozinhos e de que havia algumas soluções possíveis.

A primeira sugestão feita pelos alunos protagonistas foi a de confeccionarmos alguns cartazes pela escola para que fossem divulgadas não só as principais informações que havíamos colhido em nossas leituras, como também os meios de se obter ajuda, como o contato do Centro de Valorização da Vida (CVV), por exemplo.

Nas aulas de Português, avaliamos o gênero cartaz, elencando uma série de atributos ou propriedades composicionais desse texto, necessárias ao nosso objetivo. Nesse momento, alguns adolescentes propuseram a confecção não só de cartazes, mas também de um adesivo que pudesse ser dado a cada um dos alunos que desejassem aderir à campanha de valorização da vida e de prevenção ao suicídio. Tal proposta desencadeou um novo rumo para esta ação educativa: precisaríamos passar de sala em sala, explicando as informações dos cartazes e pedindo a adesão de outros alunos. Ficou decidido que votaríamos o cartaz e o adesivo mais adequados aos fins propostos.

Assim, formamos cinco grupos em cada turma, cujas tarefas eram elaborar um cartaz e um adesivo para nossa campanha educativa. Votamos o melhor adesivo e cartaz em um universo de quinze produtos diferenciados. O cartaz e o adesivo mais votados estão em anexo.

A campanha educativa, a partir dessas mídias criadas pelos alunos, foi ganhando forma. Para organizá-la, criei um grupo no whatsapp e os alunos, voluntariamente, se ofereceram para executar diversas tarefas:

ir às salas falar sobre o tema; colar o cartaz escolhido no mural das salas de aula visitadas, distribuir os adesivos etc.

Repercutindo em sala com uma amplitude de 100% de interesse e de motivação, o tema foi se expandindo com os relatos dos adolescentes e de suas vivências. Assim surgiram na discussão do tema os diferentes vídeos compartilhados nas redes sociais. Dois deles foram os mais lembrados: uma campanha da PM de São Paulo, com a atriz Bruna Marquezine quando esta tinha 5 anos (<https://www.youtube.com/watch?v=46V6XHpOs-l>) e outro de Rossandro Klinjei, intitulado "Fica" (<https://www.youtube.com/watch?v=OsbcbvNRhc>).

Os adolescentes julgaram uma boa ideia acrescentar à campanha o áudio do vídeo "Fica", de Rossandro Klinjei, para favorecer um momento de reflexão sobre o suicídio, com as turmas do ensino fundamental II e do ensino médio. Dessa forma, aquela primeira ideia de campanha pela escola, que consistia, apenas, em passar de sala em sala, colar um cartaz e entregar um adesivo, foi sendo enriquecida, havendo também a necessidade de fazermos um roteiro de fala para que cada um soubesse, em linhas gerais, o que falar. O passo seguinte foi organizar as equipes para tornar mais didática e equânime a divisão de tarefas.

Formamos três equipes, designadas de equipe A, equipe B e equipe C. Cada uma entraria nas turmas de mesma letra, isto é, caberia à equipe A visitar o 6º A, 7º A e assim por diante. Cada equipe era composta por um estudante de cada turma; formando, portanto, um trio. Cada trio, por sua vez, teve direito a um aluno de apoio cujas funções eram segurar o material necessário para a campanha, ajudar a colar os cartazes e distribuir os adesivos, preparar a caixinha de som, substituir alguém em caso de ausência, retomar alguma fala esquecida na apresentação, anotar as salas visitadas e as não visitadas. Um fato importante a se assinalar foi o envolvimento nessa campanha de alunos que não se envolveram em nenhuma outra atividade proposta nas aulas de Português até aquele momento.

A campanha educativa de valorização da vida e de prevenção ao suicídio estava, assim, delineada: os trios visitariam as turmas, fariam uma fala roteirizada, no entanto, livremente, exibiriam um áudio motivador, colariam um cartaz e entregariam um adesivo àqueles alunos que quisessem aderir ao projeto. Nesse momento, para incentivar um protagonismo ainda maior dos estudantes, resolvi convidar um conhecido rapper da nossa escola (<https://www.youtube.com/channel/UCsfWosz10X5yXg9audSzPOg>) para compor nossas equipes. Nessa oportunidade, compus a letra abaixo que ele musicou:

Você diz que a vida tá pesada

Não consegue enxergar nenhuma luz ou uma estrada

Você não acredita mais em nada

Mas eu digo que a vida vale a pena

Quando a alma não é pequena

Quando não se apequena diante de qualquer parada

Então para e respira

Do contrário você pira

Para e não faz nada pra acabar com própria vida

Ligue 141

Fale com os amigos

Escreva um diário

E pode contar comigo

E conte com seus amigos.

Acrescentamos, pois, mais essa mídia à apresentação dos grupos. Como o rapper não poderia participar ao vivo na data prevista, ele gravou um áudio do rap para que os alunos o escutassem.

Como temos no colégio o Núcleo de Atendimento Especial (NAE), composto por psicólogos e assistentes sociais, consideramos apropriada a presença de um membro do NAE em cada uma das equipes por conta da delicadeza do tema.

Em sua versão final, o roteiro de fala da campanha ficou assim organizado:

Roteiro de falas para a campanha de prevenção ao suicídio

(Todos se apresentam já portando o adesivo no peito. Alguns podem segurar os cartazes feitos.)

9A – Estamos aqui para falar de um assunto preocupante e sobre o qual estudamos um pouco.

9B – Vocês sabiam que a cada 40 segundos uma pessoa se suicida no mundo?

9C – E que no Brasil 11 mil pessoas tiram a própria vida todo ano?

9A – Por isso é preciso falar de suicídio. 90% dos suicídios podem ser evitados.

9B – Sabe-se que países que não tocam nesse assunto não diminuem esses índices alarmantes e tristes.

9C – A prevenção ao suicídio começa com ações bem simples e a principal delas é falar sobre esse assunto.

9A – Se queremos um mundo melhor para vivermos, não podemos ser indiferentes à dor dos outros.

9B – Podemos ajudar com pequenos gestos, com alguma palavra de consolo, com indicações de ajuda.

9C – Para isso confeccionamos os cartazes e vamos deixar um aqui pra vocês.

9A – Leiam o cartaz com atenção. E se quiserem conversar mais, podem procurar a gente no 9º ano.

9B – É preciso saber como ajudar um amigo ou mesmo como encontrar ajuda para si mesmo.

9C – Existe um serviço de ajuda que funciona 24 horas por dia, o CVV (Centro de Valorização da Vida).

9A – No site do CVV você tem atendimento on-line, tem telefone ou e-mail. O telefone é fácil: 141.

9B – Agora gostaríamos de dois minutos da atenção de vocês para que ouçam um áudio que selecionamos. A voz é de Rossandro Klinjey.

(Dois colocam o áudio e um cola o cartaz. Tenham o áudio nos celulares.)

(Quando o áudio começar, todos ficam parados e em silêncio.)

9C – Vamos deixar com vocês um adesivo dessa campanha de valorização da vida, que deve ser de todos nós do colégio.

9A – Caso não queira recebê-lo, basta não pegá-lo. Você pode ou não nos ajudar nessa campanha. Fique bem à vontade.

9B – Se quiser fazer parte da nossa campanha de valorização da vida, cole o adesivo em local visível para que, caso alguém precise de ajuda, possa se dirigir a você.

(Distribuem os adesivos.)

(Entreguem um adesivo ao professor presente na sala.)

9C – Agradeçam aos professores e aos colegas a atenção. Peçam a colaboração com a campanha, enfatizem a importância de dar apoio a quem precisa.

(Para finalizar, coloquem o áudio do Yhan cantando o rap.)

Devidamente preparados e organizados, no dia 31 de outubro, as equipes visitaram as 21 salas de aula do Colégio de Aplicação João XXIII, ensino fundamental II e médio, começando pela visita aos 9º anos, protagonistas da campanha. Era este o momento de reajustar as falas e reparar alguma incorreção, antes de visitar os outros anos escolares.

## **Avaliação**

### **Aprendizagem**

De todos os eixos de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa: leitura (incluindo a literária), produção textual, reflexão linguística e oralidade, o maior ganho dos alunos talvez tenha sido neste último.

Via de regra, a oralidade é negligenciada na sala de aula, não havendo um plano de ensino sistematizado para um aprendizado que extrapole atividades diárias de oralização. Nas palavras de Antunes (2003, p.24), no trabalho com a oralidade ainda há "uma quase omissão da fala como objeto de exploração no trabalho escolar, sem necessidade de ser matéria de sala de aula".

Este panorama piora um pouco quando se trata de eventos de fala em situação formal. Nota-se, não raro, que o conjunto de atitudes necessárias à inclusão dos adolescentes nesse tipo de eventos quase nunca é ensinado e, frequentemente, evitado.

Ao protagonizar a campanha de valorização da vida e prevenção ao suicídio, os alunos do 9º ano perceberam a intrínseca relação entre o modo como se apresenta uma fala pública e a reação que se espera dela. De início houve muito cuidado com a confecção do roteiro de fala, já que, pelo clima de sala de aula durante as discussões, os estudantes verificaram a natureza delicada do assunto. Também na apresentação dos cartazes e no acolhimento das falas advindas dos estudantes aos quais se apresentou a campanha, essa preocupação se fez presente. Houve preocupação com a aparência, com a postura em sala de aula, com o tom de voz, com o modo de se exibir cada uma das mídias. O grande aprendizado foi

ser e se sentir responsabilizado pela própria fala. Embora cada trio tivesse sido acompanhado por um membro do NAE, nenhum desses teve que fazer qualquer reparo às falas dos estudantes.

As reações à campanha foram muitas e diversas. Os alunos visitados se mostraram interessados, alguns choraram (provavelmente os mais vulneráveis) e a maioria quis aderir à campanha, portando em local visível seu adesivo. Também a comunidade escolar quis participar, por isso alguns adesivos, a pedido da proprietária, foram deixados na cantina do colégio, pois havia muitos professores o pedindo. Os protagonistas da campanha, também, não esconderam seu orgulho e entusiasmo em realizar, de modo tão bem-sucedido, uma ação educativa considerada por toda a comunidade escolar de muita importância, porém de extrema delicadeza. A escola como um todo foi positivamente impactada, o que quebrou o tabu que vigora em nossa sociedade de que não se deve falar sobre determinados assuntos. Isso pôde ser percebido pelos cumprimentos aos alunos, pelos relatos em reunião de departamento e, principalmente, pelo entusiasmo e motivação dos adolescentes.

O clima de sala de aula era outro. Alunos motivados, orgulhosos de seu protagonismo e poder de mudança, com autoestima elevada e interesse pelos temas trabalhados. Um questionamento comum era: “professora, quando é que faremos outra campanha?” A visão negativa que os professores anteriores tinham desses alunos mudou radicalmente, assim como a confiança na capacidade deles ganhou novas dimensões.

Ao saber dessa campanha educativa, via mestrado profissional de Letras (PROFLETRAS), uma professora me procurou dizendo que seus alunos da EJA, 9º ano, também manifestaram o interesse pelo tema. Fiz uma breve descrição da campanha, disponibilizei todas as mídias criadas e utilizadas e, assim, também na Escola Municipal Professora Elza Rogério, cidade de Muriaé/MG, a campanha de valorização da vida e de prevenção ao suicídio, protagonizada pelos alunos do 9º ano do C.A. João XXIII, foi parcialmente replicada e retextualizada sob a forma de seminário.

Embora o objetivo inicial que disparou toda essa campanha educativa fosse o ensino da argumentação, o que se obteve como resultado dessa ação protagonizada por estudantes de 9º ano de uma escola pública, na qual se entra via sorteio, extrapolou qualquer um dos cinco eixos de ensino da Língua Portuguesa. A partir de uma percepção sensível do espaço escolar e das vivências dolorosas dos alunos, criou-se uma campanha que era não só necessária como urgente. Foi dada aos jovens estudantes a oportunidade rara de serem protagonistas de uma ação voltada para eles mesmos, criando-se, pois, um valor de cidadania e de sentido republicano que vai além do que se aprende nos livros e nos bancos da sala de aula. Indubitavelmente, a campanha de valorização da vida e de prevenção ao suicídio incluiu, de forma positiva, alunos que se veem diariamente excluídos do debate na escola, por não se enquadrarem no que a sociedade concebe como sendo alunos ideais. Não bastasse isso, criou-se um laço de afeto entre os estudantes, uma cumplicidade na dor de se sentir só e sem esperanças. Em outras palavras, os alunos do 9º ano do C.A. João XXIII/2017 contribuíram concretamente para a valorização de uma cultura da paz e de boa convivência, essenciais a quem procura e precisa de uma sociedade mais humanizada.

## **Reflexão**

Esta ação protagonizada por alunos de 9º ano pode ser replicada, não somente via tema abordado como também via gênero textual. Isso, na verdade, já aconteceu com a campanha de valorização da vida e prevenção ao suicídio. Uma escola de Muriaé retextualizou a campanha sob a forma de seminário, utilizando-se das mídias criadas pelos alunos protagonistas.



Para se valer apenas da temática, o suicídio, os professores replicadores devem, primeiramente, estar cientes da necessidade ou não, de se abordar o assunto com sua comunidade escolar. Além disso, é fundamental ter a dimensão exata da delicadeza do tema e dos perigos que se corre ao abordá-lo sem conhecimento e/ou sem o cuidado necessário.

Por outro lado, pensando-se em se replicar não o tema, mas o gênero textual campanha educativa, o professor deve se fundamentar teoricamente sobre alguns outros gêneros, como o cartaz, por exemplo, e sobre as características da tipologia do expor. Também a capacidade de guiar os alunos para a aquisição de um conjunto de atitudes e comportamentos adequados a eventos de situação formal de fala é imprescindível, o que deve ser feito aos poucos, com a promoção de pequenos eventos de fala pública, nos quais os alunos sejam elevados ao papel de protagonistas, responsáveis pela organização e execução dos eventos. A discussão séria sobre adequações e inadequações após as situações formais deve servir para aprimorar o conhecimento e solidificar a educação para o oral.

No caso de se querer replicar ambos, tema e gênero, a dificuldade poderá advir do gasto financeiro implícito com a confecção e com a divulgação das mídias criadas para a campanha. Uma forma de se resolver tal dificuldade é inserir na campanha as mídias feitas à mão livre, incentivando-se ainda mais o protagonismo, o voluntariado, a criatividade e o empreendedorismo discentes.

O que se espera é que os alunos, educados para uma oralidade formal, possam participar adequadamente de diversos tipos de eventos, não somente como ouvintes, mas também como promotores, organizadores, mestres de cerimônia, debatedores, dentre outros papéis sociais. Deseja-se que essa educação para a oralidade, muitas vezes negligenciada na escola, traga também uma maior responsabilização pelo que se faz e, principalmente, pelo que se diz, conhecimento extremamente útil em tempos de discursos de ódios e de falsas notícias.